
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Espaço Econômico Brasileiro II.....	2
Modelo Econômico e Políticas Industriais.....	2
Construção da Companhia Siderúrgica Nacional (1941).....	2
Investimentos Externos	3
O Brasil Ante a Globalização e a Nova Ordem Mundial	4
Nova Ordem Mundial	4
Os Desafios do Comércio Exterior	5
O Intercâmbio Multidirecional	5

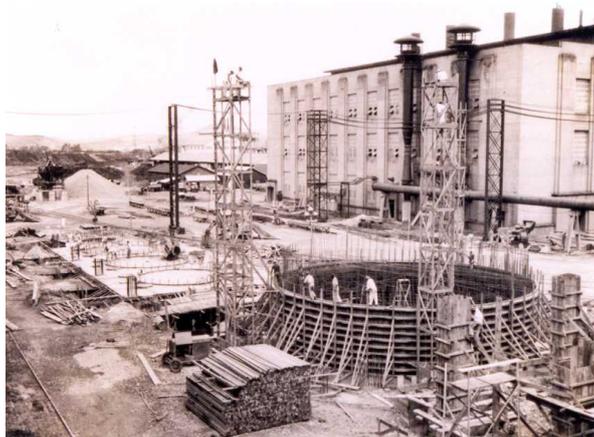
Espaço Econômico Brasileiro II

Modelo Econômico e Políticas Industriais

O processo de globalização repercutiu fortemente na economia e na geografia do Brasil, a partir do fim dos anos 80. Até então, o modelo econômico nacional era baseado na forte presença do Estado na economia e na manutenção de barreiras alfandegárias que protegiam a indústria instalada no Brasil frente às suas concorrentes no mercado mundial.

Esse modelo, responsável pelo surgimento de uma economia de tipo urbano-industrial no país, ficou conhecida conhecido pelo nome de substituição de importações. Ele foi assim denominado porque o governo federal buscava criar condições para que os mais diversos setores industriais fossem instalados no Brasil, passando a produzir internamente mercadorias que antes eram importantes.

Como resultado entre o final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e o início da década de 1980, o Brasil apresentava uma das economias que mais cresceram no mundo. No início da década de 80, o Brasil apresentava uma estrutura econômica complexa, na qual se destacavam um parque industrial amplo e diversificado, um espaço nacional integrado e um elevado grau de urbanização.



Construção da Companhia Siderúrgica Nacional (1941)

O processo de substituição de importações se iniciou de fato na década de 1930, quando Getúlio Vargas chegou ao poder com uma plataforma política claramente desenvolvimentista, ou seja, que privilegiava a criação de um ambiente propício à modernização do país pela via da industrialização.

Nessa época, uma parte importante do dinheiro acumulado com as vendas de café no mercado internacional passou a ser direcionada para o desenvolvimento da indústria, por meio da importação de máquinas e equipamentos necessários para bens de consumo não duráveis. Além disso, o governo passou a investir pesadamente na produção de matérias-primas industriais e na geração de energia, tornando o Brasil, cada vez mais atraente para o capital industrial.

Com o crescimento acelerado da produção industrial interna, o modelo de substituição de importações atingiu uma nova etapa e o Brasil finalmente se tornou um país industrializado. Mas o papel do Estado continuou a ser fundamental, tanto na produção de matérias-primas básicas quanto na geração de infraestrutura. Os investimentos estatais se direcionavam para a produção de aço e de energia, mas também para abertura de novas estradas que facilitassem a integração do mercado interno.

Durante a ditadura militar (1964-1985), o padrão de desenvolvimento conhecido como substituição de importações ainda ditava os rumos da política industrial brasileira. Sendo assim, a indústria doméstica continuava protegida da concorrência internacional pelas elevadas tarifas de importação.

Nesse período, a estrutura produtiva passou a ser dominada por três grandes agentes, sendo por isso conhecida como: tríplice aliança. Esses agentes eram: o capital estatal, o capital privado nacional e o capital privado transnacional.

O capital estatal era dominante nos setores de infraestrutura e de bens de produção, tais como siderurgia, indústria química, mineração, energia e telecomunicações. Durante o governo militar, surgiram grandes companhias estatais que controlavam setores estratégicos da indústria e da economia brasileira, tais como a Siderbrás, a Eletrobrás e a Telebrás.

O capital privado nacional dominava sobretudo o setor de bens de consumo não duráveis, tais como têxteis, alimentos e calçados, que exigiam menores investimentos em tecnologia. Em alguns setores, o capital nacional se integrava ao circuito produtivo dos grandes conglomerados internacionais. É o caso, por exemplo, da produção de autopeças, que abastecia as montadoras automobilísticas instaladas no país.

As empresas transnacionais destacavam-se principalmente no setor de bens de consumo duráveis. O setor automobilístico foi o grande destaque do período, acompanhado de perto pelo setor de eletrodomésticos. As empresas transnacionais eram os principais compradores dos bens de produção e da energia produzidos pelo capital produzidos pelo capital estatal.

Essa estrutura em tripé garantiu elevadas taxas de crescimento, em especial durante os anos do chamado milagre econômico (1967-1973), nos quais a economia brasileira cresceu a taxas médias anuais de 10%. Apesar desse crescimento apenas uma minoria dos brasileiros, formada pelas elites e pelas camadas médias urbanas, conheceu os benefícios desse crescimento, sob a forma de uma ampliação inédita da capacidade de consumo. Para o resto da população, sobrou apenas o trabalho duro e mal remunerado, além da oferta de serviços públicos bastante ineficientes em áreas essenciais como saúde e educação. O modelo de industrialização por substituição importações esgotou-se na década de 1980. As taxas de juros dispararam no mercado internacional, interrompendo os fluxos de financiamento que alimentavam os investimentos estatais. Enquanto isso, a dívida externa aumentava exponencialmente. A grave crise econômica iniciada em 1988 e a globalização da economia mundial foram os pontos de partida para o surgimento de um novo modelo econômico, que nasceu sem o apoio estatal que por muito tempo foi o pilar da tríplice aliança.

O processo de globalização promoveu a intensificação dos fluxos internacionais de capitais nos mercados financeiros e a abertura das economias nacionais ao comércio global. Em toda a América Latina, os projetos de industrialização protegida deram lugar a ajustes destinados a integrar as economias nacionais na nova economia global.

No Brasil, os governos Collor de Melo (1990-1992) e Itamar Franco (1992-1994) iniciaram a abertura da economia nacional. Iniciou-se o Programa Nacional de Desestatização, com grande participação de capitais provenientes dos Estados Unidos, da Espanha e de Portugal.

No entanto, foi no período Fernando Henrique Cardoso (1995-2001) que se consolidou um novo modelo econômico, assentado sobre a liberalização comercial e atração de investimentos estrangeiros diretos, e cuja implantação representou e desmontagem das estruturas produtivas estatais por meio de um vasto programa de investimentos.

Investimentos Externos

A política econômica brasileira adotada na década de 1990 optou nitidamente pela inserção do país nos fluxos globalizados de capitais. Essa opção materializou-se por um conjunto de reformas destinadas a recuperar a capacidade de atração de investimentos estrangeiros.

O Plano Real, lançado em 1994, delineou uma política monetária destinada a estabilizar a economia nacional. Complementado por uma série de reformas constitucionais e por uma política fiscal voltadas a equilibrar o orçamento público, previa que o Estado deveria arrecadar mais e gastar menos, a fim de garantir a estabilidade da moeda.



Ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, idealizador do Plano Real.

A liberalização da economia expressou-se, sobretudo, pela drástica redução do protecionismo comercial. A entrada de produtos estrangeiros a preços competitivos no mercado interno devia gerar um choque de concorrência e estimular a modernização das empresas instaladas no país.

O Brasil Ante a Globalização e a Nova Ordem Mundial

Neste novo século, o mundo vive em uma nova ordem geopolítica internacional, considerada multipolar e na qual se destacam uma crescente globalização e uma nova fase no desenvolvimento industrial e tecnológico, conhecida como revolução técnico-científica ou Terceira Revolução Industrial.

Para avaliarmos a situação atual do Brasil e suas perspectivas para este século, temos de analisar as características dessa nova ordem mundial e as possibilidades (e dificuldades) que ela acarreta.

Nova Ordem Mundial

Desde a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) até o fim de 1991, existia uma ordem mundial bipolar centrada na oposição entre as duas únicas superpotências, os Estados Unidos e a União Soviética, cada uma liderando seu “bloco”: o capitalista e o socialista.

Costumava-se dividir o espaço mundial em três principais “mundos” ou conjuntos de nações:

Primeiro Mundo ou países capitalistas centrais;

Segundo Mundo, mundo socialista ou nações com economia planificada;

Terceiro Mundo, países periféricos ou países capitalistas subdesenvolvidos.

Com a crise do Segundo Mundo, ocorrida especialmente entre 1989 e 1991, essa divisão foi substituída pela separação entre Norte ou mundo desenvolvido (que congrega o Primeiro Mundo e uma parte do Segundo: Croácia, República Tcheca, Hungria, Ucrânia, Polônia, Rússia e outros países) e Sul ou mundo subdesenvolvido (que abrange os países capitalistas subdesenvolvidos e algumas nações mais pobres do antigo Segundo Mundo: Cuba, Moçambique, Angola, Vietnã, Mongólia e outras, inclusive a China, apesar de esta ser um caso especial de enorme crescimento econômico paralelo à existência de multidões com baixos padrões de vida). No fim dos anos 1980, essa experiência socialista, que existia desde 1917, ingressou em uma profunda crise. Houve uma verdadeira corrida de retorno ao capitalismo, mais rápida e profunda em alguns países (antiga Alemanha Oriental, Hungria, Polônia, República Tcheca, Croácia) e mais lenta em outros (Cuba e Coreia do Norte), porém generalizada. Com isso, foi encerrada a tradicional oposição entre Leste e Oeste, entre capitalismo e socialismo. Mas as disparidades entre Norte e Sul, entre países ricos e pobres (ou centro e periferia, como preferem alguns autores), continuaram a existir e até se acentuaram com a nova situação internacional. Isso por dois motivos principais. Primeiro, a oposição Leste-Oeste, marcada pela constante tensão entre os Estados Unidos e a então União Soviética, chamada de guerra fria, fazia com que os olhos do mundo se voltassem mais para a possibilidade de um conflito militar entre as duas superpotências, uma hipotética e catastrófica Terceira Guerra Mundial, o que escondia o problema da pobreza e das desigualdades internacionais.

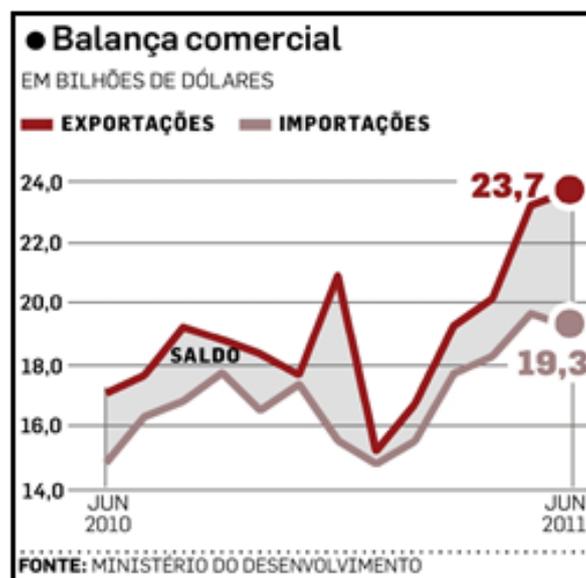
Pode-se dizer que a guerra fria intermediava e obscurecia a oposição Norte-Sul, pois os países periféricos eram vistos apenas como um objeto ou um campo de disputas entre o capitalismo e o socialismo. Com a crise do mundo socialista e o término da *guerra fria*, os problemas econômicos e sociais dos Estados do Sul ficaram mais visíveis e passaram a ocupar um lugar de destaque nas discussões internacionais. Segundo, com a atual globalização e a revolução técnico-científica em andamento, as diferenças entre países pobres e ricos, de maneira geral, estão aumentando. O enorme avanço tecnológico das últimas décadas, concentrado em algumas regiões do globo, ampliou as diferenças entre economias desenvolvidas e subdesenvolvidas. Enquanto alguns países – que abrangem cerca de 15% da humanidade – vivem uma realidade típica do século XXI, com tecnologia avançadíssima e elevado padrão de vida e de consumo, inúmeros outros países ainda vivem uma situação similar

à do século XIX, com tecnologia tradicional e superada (como a carroça de bois, principal meio de transporte de cargas em vários países da África; da Ásia) e pobreza absoluta para amplas camadas da população. Em alguns lugares, como no Japão, a expectativa de vida chega a cerca de 82 anos, mas em outros, como em Serra Leoa, ela ainda é de 37 anos. E só a região metropolitana de Nova York, nos Estados Unidos, possui um número de telefones e de pessoas conectadas à Internet maior que de toda a África! É lógico que existem também os inúmeros casos intermediários, as economias (como a brasileira) que possuem alguns setores desenvolvidos e outros muito atrasados.

Os Desafios do Comércio Exterior

Até a década de 1960, os produtos primários e semifaturados dominavam a pauta de exportações do país. Gradativamente, porém, manifestaram-se os efeitos da substituição de importações: na década de 1980, os produtos industriais passaram a predominar na pauta de exportações.

No entanto, a partir da metade da década de 1990, os produtos básicos e semifaturados voltaram a ter participação cada vez mais significativa nas vendas externas nacionais, sendo os principais responsáveis pelo crescimento do comércio externo e pelo saldo da balança comercial brasileira.



Entretanto, e apesar do crescimento das exportações, o Brasil participa dos fluxos comerciais globais com pouco mais de 1% do total. Existe uma explicação para os problemas de desempenho do país: à exceção de alguns produtos, o componente tecnológico das exportações brasileiras é muito baixo, e o valor médio da tonelagem exportada vem retrocedendo desde meados da década de 1990. Apesar de todo esforço exportador, a economia brasileira permanece com pouca capacidade de produzir e exportar produtos ligados à revolução técnico-científica, detentores de maior valor no comércio mundial

Assim, na pauta de importações, destacam-se os bens de capital, os produtos químicos e farmacêuticos, os veículos, o petróleo e os produtos de alta tecnologia. Por outro lado, produtos têxteis, metalúrgicos, agrícolas, pecuários e minerais ocupam lugar de destaque na inserção do Brasil nos fluxos da economia globalizada e na abertura de novos mercados.

O Intercâmbio Multidirecional

O comércio exterior brasileiro é multidirecional: as exportações e importações estruturam-se sobre vários eixos, com o estabelecimento de diversas parcerias. Assim, o Brasil é um global trader, um parceiro global. Na condição de global trader, o Brasil está comprometido com a defesa dos princípios do multilateralismo e do liberalismo no comércio internacional. Por isso, participa ativamente das negociações da Organização Mundial do Comércio (OMC), combatendo as iniciativas protecionistas das potências econômicas globais.

O Brasil depende dos mercados europeus e norte-americano para expandir as exportações. Incrementar o intercâmbio com “os países continentais” que não pertencem aos blocos da Europa nem da América do Norte é uma estratégia para diminuir excessiva dependência. A aproximação com os demais BRICS é um exemplo dessa estratégia.



Exercícios

01. “O acrônimo Bric [...] foi criado por O’Neill como instrumento de análise financeira em 2001. Originalmente, se referia às nações emergentes que, em 2040, teriam o mesmo peso econômico dos países desenvolvidos. Por volta de 2007, autoridades desses países perceberam a possibilidade de explorar politicamente a ideia de que suas nações teriam uma “agenda” comum. Como resultado, a primeira reunião de cúpula dos Brics ocorreu em 2009, na Rússia, tendo como bandeira a luta pela reforma do sistema político e econômico internacional. A África do Sul foi “incorporada” ao grupo em 2010. É verdade que sempre houve questionamentos sobre o potencial de cooperação dos Brics em função de suas diferenças políticas e econômicas, de valores e interesses”.

(Fonte: BBC Brasil, 7 de julho de 2015, disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150706_avancos_brics_ru)

Apesar das possíveis divergências, citadas pelo texto acima, acerca da consolidação dos BRICS como um ator importante no cenário global, os países que o integram têm realizado cúpulas anuais, onde celebram diversos acordos e entendimentos que formalizam cada vez mais as iniciativas do grupo.

Em 2015, durante a VII Cúpula dos BRICS, consolidou-se uma instituição que dá unidade ao grupo e representa uma significativa alteração na geopolítica financeira global.

Assinale a alternativa que se refere corretamente à instituição consolidada em 2015 pelos BRICS.

- a) Missão das Nações Unidas para o Mediterrâneo (MNUME), para resgatar refugiados que tentam chegar à Europa.
- b) Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), conhecido popularmente como o Banco dos BRICS.
- c) Fundo Monetário Internacional II (FMI II), que se trata de uma versão do FMI para países em desenvolvimento.
- d) Movimento Internacional Socialista (MIS), que visa expandir o socialismo e combater a influência dos Estados Unidos.
- e) Banco Central do Sul (BCS), cujo maior objetivo é estabelecer uma moeda única para os países membros.

Gabarito

01 - B